



2001

A REVELAÇÃO DE UM MUNDO MUDADO

Tudo mudou no mundo. Mas não foi no dia 11 de Setembro que o mundo mudou. O mundo já tinha mudado mas só agora é que toda a gente se deu conta dessa mudança.

Toda a década de 90 foi um processo rapidíssimo de transição do mundo que conhecíamos para um mundo de capacidades inteiramente inéditas - tão humano na sua grandeza como terrível na sua barbárie. Não demos pela transição maciça e múltipla por duas razões. Por um lado, a abordagem dos problemas continuou a ser feita utilizando as categorias mentais tradicionais e antigas. Por outro lado, a atenção concentrou-se apenas nas consequências da queda do comunismo. Ficou cega perante os sinais de uma transição que excedia em muito o que se chamou de "transição económica e política" dos países comunistas.

A tragédia do dia 11 assentou no que se pode considerar como o primeiro sinal dessa transição de âmbito global: a capacidade de pessoas, grupos, até países, se cruzarem, estabelecerem sinergias nas auto-estradas do ciber-espaço e a partir daí constituírem verdadeiros 'bunkers' imateriais. Por isso, quando se ouve os especialistas americanos denunciarem o relaxamento do que chamam pudicamente 'os meios humanos dos serviços secretos' (que é como quem diz a espionagem), vemos que não há ainda a percepção da natureza dos fenómenos técnicos que tornam possível a realização do monstruoso ataque do dia 11. Não sei qual é a resposta para a possibilidade de uma nova natureza de 'serviços de informação' que não violem a liberdade de expressão e a privacidade das comunicações entre as pessoas. Mas sei que é preciso descobrir uma maneira de fazer abortar nas suas fontes estratégias que conduzam a fenómenos deste tipo e que minem a própria base da segurança humana.

O segundo sinal dessa mudança esteve patente em toda a revolta que se viu crescer durante os últimos anos do século XX. Onde estávamos habituados a ouvir apenas as categorias e as reivindicações referentes ao desenvolvimento, passámos a deparar com a constante denúncia da globalização nos seus efeitos de novas divisões entre povos e regiões. Somos muitos os que no mundo queremos encontrar soluções que minimizem esses efeitos e que impeçam a marginalização crescente de pessoas, povos, nações. Mas não encontramos ainda a linguagem adequada para fazer aceitar pelos decisores políticos as propostas de soluções que já estão sobre a mesa e que apenas importa ter a coragem de pôr em prática. Não fomos a tempo. Mas temos de trabalhar cada vez mais e com maior rigor para tocarmos nas causas complexas de actos tão intrinsecamente deshumanos.

É essa mensagem que me chega de muitas zonas do mundo e especialmente dos Estados Unidos. Um dos membros do "State of the World Forum" de quem nada soube durante as primeiras 48 horas

porque mora a poucos blocos das Torres escreveu ontem apenas estas palavras: "Precisamos de declarar guerra não só à barbárie do terrorismo mas também às causas subjacentes a acções tão desesperadas: a pobreza, a injustiça, o analfabetismo, a doença, a falta de abrigo. Tal como o disse Colin Powell: 'Temos de aprender com esta experiência a olhar as coisas com gravidade.' Peçamos a Deus que a sabedoria humana prevaleça."

E é também de uma escritora americana que vêm estas palavras: "... é necessário explicar por que razão este tipo de tragédia acontece. Não se trata só de 'loucos', 'monstros' ou 'maníacos sub-humanos' que cometem uma violência de tal intensidade. Isto acontece num clima quotidiano de violência tão disseminada na sociedade que se torna invisível na sua normalidade. Táticas como as deste ataque resultam de um complexo conjunto de circunstâncias, que incluem o sentimento de que a sua voz não será ouvida senão desta maneira; o desespero e o sofrimento que atravessam várias gerações; o endurecimento das sensibilidades face às ultrajantes dificuldades sociais e económicas; os medos e preconceitos tribais e étnicos, os fundamentalismos religiosos e especialmente a erotização e elevação da violência a formas de 'virilidade' e de 'solução dos conflitos'. A violência é uma psicose e é nela que vivemos."

Mas é com uma nota de esperança e um convite à acção que Robin Morgan termina a sua carta: "Mesmo enquanto vivemos este luto, temos de continuar a imaginar audaciosamente um caminho que saia fora destas formas selvagens. Mesmo enquanto choramos de dor, temos de um modo ou outro de nos reorganizarmos para afirmarmos a nossa capacidade de mudar o mundo, de nos mudarmos uns aos outros, de nos mudarmos a nós próprios. Temos de insistir, mesmo com os dentes cerrados pelo desespero, na nossa convicção de que uma outra política é possível e necessária: não uma política de morte mas uma política de vida e de alegria."

Com esta longa citação de uma mulher americana que respeito e admiro respondo à segunda pergunta que me faz o "PÚBLICO". A resposta dos EUA, da União Europeia, da comunidade internacional não pode ser a de uma lógica militarista onde a mesma violência guiaria as decisões e a estratégia e onde não se faria senão realizar idêntico 'atentado à dignidade humana', como chamou João Paulo II aos acontecimentos do dia 11.

Ora não se entenderá que é essa lógica que imediatamente conduz a invocar a NATO e a mobilizá-la? Além de se caracterizar pela retaliação imediata, o apelo à NATO nestas circunstâncias iria cavar ainda mais fundo o fosso que separa os países ricos do Norte (os únicos que são membros da NATO) dos países pobres do Sul e repudiar para uma vitimização de consequências imprevisíveis os países de maioria muçulmana ou constitucionalmente muçulmanos.

Como há dois dias o afirmaram por unanimidade os dirigentes da União Europeia, há que apelar às instituições por essência e mandato representativas da comunidade internacional e tomar aí, em



primeiro lugar, as decisões necessárias à condenação sem transigências, por palavras e actos, de todos os que violaram de um modo tão flagrante a ética das relações internacionais. Na situação actual da vida internacional, cabe ao Conselho de Segurança da ONU (e, num segundo tempo, à sua Assembleia Geral) gizar e implementar com eficácia a estratégia a seguir.

Tem sido denunciado este horroroso ataque aos EUA como um ataque aos valores da liberdade e da democracia. Não tenho dúvida de que a resposta, se se quer coerente e como contra-ataque não de povos primitivos mas de povos do século XXI, tem de usar os instrumentos democráticos que foram criados justamente para defender a liberdade e a justiça de todos os povos da terra.

Maria de Lourdes Pintasilgo

Fundação Cuidar o Futuro